

CRIATIVIDADE SOCIAL-COMUNICATIVA-TECNOLÓGICA: reflexões sobre as formas de estar junto no contexto da conectividade

Marcella Schneider Faria-Santos¹²

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre possibilidades de se “estar junto” no ambiente da sociedade das redes digitais sociais, do *big data*, da mobilidade e da conectividade. No contexto deste ambiente social, diferentes autores propõem diversas visões sobre o estado e o futuro das relações sociais. Tais perspectivas trazem questionamento acerca dos impactos decorrentes desses novos modelos de interação humana, resgatando ora uma ciência capaz de dar sentidos, e razões para o caminho social, ora o espírito comunitário, no qual prevalece o mosaico da vontade do todo, em harmonia. Para além da visão da tecnologia como agente de degradação e/ou do esclarecimento “humano”, pretendemos abrir alguns diálogos com propostas teóricas que acolhem a complexidade da experiência social, resultado dos mais diferentes vínculos entre pessoas, algoritmos, plataformas, espaços, natureza, emergentes deste ambiente comunicativo-conectivo. Para ilustrar tal reflexão apresentaremos três exemplos de agregações sociais comunicativas-tecnológicas observadas a partir de pesquisa empírica.

Palavras-chaves: sociabilidade técnico-comunicativa; conectividade; criatividade, comunitarismo; net-ativismo.

Inserido no debate teórico de três diferentes grupos de pesquisa da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), intitulados “Criatividade e Inovação na Comunicação”; “Mídia, linguagem, sociabilidade e Sagrado, Mediações tecnológicas e contemporaneidade”, este artigo apoia-se inicialmente no viés sobre a criatividade desenvolvido pelo psicólogo húngaro Csikszentmihalyi (SAKAMOTO, 2000 apud MARASSI, PIMHEIRO, 2019), professor da Universidade de Harvard

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação/FAPCOM, membro dos grupos de pesquisa da Fapcom - Sagrado, mediações tecnológicas e contemporaneidade; Criatividade e Inovação na Comunicação; Mídia, linguagem e sociabilidade.

² Artigo originalmente publicado em: SAKAMOTO, Cleusa; ANDREUCCI JUNIOR, Sérgio José (Orgs.). *Estudos sobre a Criatividade – Comunicação e Inovação em debate*. São Paulo: Gênio Criador Editora, 2019.

(EUA), que entende a criatividade como um fenômeno resultante da interação entre pessoa e ambiente. Nesse sentido, propomos reflexões iniciais a respeito das formas de agregação social que acontecem junto às redes digitais de comunicação e aos agentes técnicos, que possam contribuir com nossas interpretações e questionar o senso comum que percebe o cotidiano como lugar apático, apolítico, marcado pelo narcisismo, individualismo.

A partir desse viés ecológico sobre a criatividade, buscamos dialogar com Maffesoli (2014) e Di Felice (2017) que analisam os conceitos de social, comunidade, socialidade e ação social, a partir, tanto de uma crítica ao positivismo, quanto das mutações tecnológicas que atuam nas formas de agregar, comunicar, e compartilhar das sociedades atuais. As formas do estar junto estariam marcadas por uma ação racional-sensível que, na concepção de Di Felice (2017), pode ser entendida na perspectiva do net-ativismo. Diferente do romantismo comunitário e do progressismo da modernidade, os autores apontam a necessidade de criarmos chaves de interpretação que levem em conta o ecossistema técnico-sociais, de maneira holística.

Nossas reflexões também abarcam alguns elementos decorrentes de uma pesquisa empírica realizada por alunos do 3º semestre dos cursos de Rádio, TV e Internet; Publicidade e Propaganda; Jornalismo; Licenciatura em Filosofia e Relações Públicas, do Bacharelado em Comunicação Social da Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom), dentro do corpo de atividades propostas na disciplina de Teorias da Comunicação III (Cibercultura), que no primeiro semestre de 2019 mapearam experiências net-ativistas (Di Felice, 2017) ligadas às problemáticas ambientais. Com uso de um instrumental de observação, a pesquisa investigou processos criativos e inovadores no que tange à “ação social” e às formas do “estar junto”. Alguns dados desse mapeamento permitem discussões sobre sociabilidade técnico-comunicativa, conectividade, criatividade, comunitarismo, e net-ativismo – elementos que serão aqui abordados em diálogos com mediadores teóricos.

Cibercultura: experiência tecnológica-social-comunicativa interativa

O interesse em relação às formas de agregação, no interior da sociedade em rede, mobiliza esforços desde de 2006, quando iniciamos uma pesquisa sobre as “formas virtuais do social” presentes na plataforma de interação virtual (termo utilizado para designar o espaço de interação proporcionado pelas tecnologias do início da internet no contexto brasileiro) *Second Life* e na Comunidade virtual *BarCamp*

(FARIA, 2008). Naquele momento, as tecnologias disponíveis eram limitadas em relação às possibilidades de conexão, às formas de comunicação (via chat, lista de email, e fóruns de discussão), e em relação às formas de compartilhamento de conteúdos.

De lá para cá, vemos que a chamada WEB 2.0 levou a cultura da participação e do compartilhamento (JENKINS, 2009) a um patamar bem ampliado em relação ao início da internet que, à época, funcionava como uma imensa biblioteca, disponibilizando acesso a conteúdos variados, quebrando as barreiras do espaço. Um dos primeiros efeitos a serem percebidos naquele momento foi o deslocamento geográfico que suportava o acesso às informações. A primeira fase da internet, a Web 1.0 trouxe a possibilidade de interação à distância, de maneira rápida, criando a perspectiva do que Lévy chamou de um “universal por contato” (1999). Muitas informações estavam disponíveis e acessíveis para as diferentes culturas e sociedades. Pierre Lévy cunhou o termo “inteligência coletiva” como uma inovação social introduzida por essa internet, um pouco antes da ampla instalação dos blogs e redes sociais (da web 2.0).

As primeiras práticas coletivas no ciberespaço (essa nomenclatura fez sentido quando a mobilidade dos dispositivos de geolocalização por satélite ainda não existiam, ou eram difundidos) dependiam das discussões via listas de e-mails e fóruns, e assim ganharam o status de “comunidades virtuais”. As pessoas começaram a experimentar formas de escolhas muito pontuais de quem seriam suas amizades, de quais seriam as suas compras, etc. Nos tornamos emissores-receptores. Em 2004 a web 2.0 se desenvolve a partir dos estudos de entusiastas, empresários e cientistas que visualizando a dinâmica comunitária das relações via internet, buscaram aprimorar um modelo de web como uma plataforma que funcionasse com códigos passíveis de edição, capazes de serem aprimorados à medida que as interações aumentavam.

O efeito dessa forma de interação social, em constante associação com inovações tecnológicas, repercutiu com força numa sociedade que estava acostumada a ver antes as máquinas na indústria da produção em série, depois os computadores atrelados à automação industrial, e a mídia como veículo central na disseminação de informações. Com a convergência dos meios (JENKINS, 2009) e a junção dos celulares, da mídia com a internet, o ambiente social definitivamente passou a ser formado por uma ecologia complexa, híbrida, resultante de uma interação entre pessoas, dados, plataformas web, espaços-fluxos (CASTELLS, 2005).

Vemos todo tipo de interação nesse ambiente de redes sociais, relacionamentos amorosos, interações místicas, religiosas, movimentos auto-organizados em prol da representatividade, como o resgate da cultura indígena brasileira (a rede Índios On Line³), ou a manifestação da opinião contra o presidente brasileiro, eleito em 2019 articulado numa página de facebook intitulada “Mulheres unidas contra Bolsonaro”⁴.

A interação nesse espaço tecnológico-social-comunicativo é um fato desde a constituição das metrópoles do início do século XX, só que no lugar das falas das grandes personalidades, políticos, cientistas, e jornalistas, devidamente legitimados burocraticamente pelas instituições, no ecossistema de 2019 estão as pessoas e sua vida cotidiana. Passamos a experimentar a banalidade compartilhada ativamente, não só como imagem social (espetáculo) e nesse ambiente fértil (propício para a criação e auto-representação), além do lugar de fala surge também a proliferação da intolerância, do ódio, como elemento provocativo num “mundo” que experimenta a publicização das opiniões e das informações generalizadas.

Di Felice (2017) percebe em tal situação social oportunidade para repensarmos o sentido das categorias definidoras do “corpo social”, da tomada de consciência, do estar junto e da ação. O autor parte das recentes manifestações populares como a Primavera Árabe (2010), *Occupy All Street* (2011), 15 M, na Espanha (2011), as Jornadas de Junho, em São Paulo (2013), entre outras, e percebe que os fundamentos tradicionais sociológicos não reconhecem os elementos técnicos-comunicativos como integrantes do ecossistema no qual surge e para o qual se voltam as ações sociais. A sociologia baseada em modelo positivo de entendimento do que significa estar em sociedade não compreende que a “ação social” decorrente do ecossistema técnico-natural-comunicativo-humano ultrapassa tanto o projeto, o planejamento racional que representa o interesse de determinado grupo organizado quanto o reflexo das instituições.

Para Di Felice (2017), a força desses diferentes movimentos, citados acima, situa-se na conectividade, elemento resultante da mistura da agência de pessoas, informações, plataformas, interesses, realidades. A esta forma política, o autor atribui o nome de “ato conectivo” e desenvolve tal ideia levantando diferentes características

³ Para saber mais acesse: indiosonline.net, além das pesquisas de PEREIRA, E. Ciborgues indigen@s.br: a presença nativa no ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2012.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresunidascontrabolsonaro/>.

dessa ação social, passando pelo entendimento da sociedade como ecologia comunicativa.

Como essa ecologia comunicativa transorgânica conectiva (DI FELICE, 2017) contribui para as reflexões acerca do estar junto? A perspectiva ecológica pressupõe interatividade entre os sistemas envolvidos numa situação, ou seja, as diferentes estruturas em comunicação definem suas ações em relação às diferentes condições, não só humanas, mas comunicativas, topológicas, temporais, culturais fundamentadas na conexão constante. Nesse sentido esse ecossistema inclui a espontaneidade criativa que decorre dos encontros dos mais inusitados organismos atuando no cotidiano.

Repensar as formas do estar-junto: comunidade x sociedade

Estudar a vida em sua prática cotidiana é objeto da sociologia de Michel Maffesoli. No livro “No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa” (2002), o autor desenvolve uma percepção sobre a vida cotidiana na pós-modernidade (antes da proliferação da internet) marcada pela efervescência dos encontros, sobre os quais, diferentes organismos, espaços, culturas, vindos de fluxos híbridos da vida urbana unem-se criando uma socialidade nascida daquele ambiente. O valor do indivíduo ora racional (de acordo com o projeto moderno), ora identificado com as instituições, passa a estar na comunhão desenraizada da vida cotidiana. Em “Homo Eroticus, comunhões emocionais” (2014), o autor afirma que vivemos o “deslizamento do contrato racional para o pacto emocional” (2014, p. 29). Com as novas possibilidades dessa ecologia técnico-comunicativa o autor vê que a partir da “horizontalidade da internet, houve um curto-circuito das diversas mediações: poderes políticos, ‘sábios intelectuais’, e intermediários midiáticos. Políticos, intelectuais, jornalistas não fazem mais sucesso. É o mínimo que se pode dizer” (MAFFESOLI, 2014, p. 6). Assim, o “estar junto” mais uma vez ultrapassa concepções a priori sobre o significado da vida social e se forma nesses ambientes híbridos nos quais os grandes mediadores são pressionados pela intensidade dos afetos.

Ninguém, entre os espíritos agudos deste tempo, ignora totalmente a importância dos afetos; mas alguns a desprezam; convém pois, corrigir esse desconhecimento. [...] ser capaz de dar conta do ‘real’: o *poiei* dos gregos que exprime a ‘poesia’ da existência. Um ‘real’ que não tem muito a ver com esse famoso ‘princípio da realidade’ (econômico, social, político) de que nos cansam de repetir, e que é somente realização desse *modus operandi* próprio à modernidade: reduzir a totalidade do ser às suas mais simples expressões. Em uma fórmula sintética, Auguste Comte deu a chave disso: *reductio ad unum*. (MAFFESOLI, 2014, p. 1)

O autor sugere a importância de se aceitar a vida (realidade) como ela é, com suas imperfeições, dúvidas, humores e por isso se volta aos afetos para descrever a erótica social e não sua ordem, ou conflitos, ou projetos de desenvolvimento. O sociólogo olha com cuidado para a situação social da primeira década dos anos 2000 e respeita as vertentes de análise mais comuns, que veem o social conectado como resultado do novo projeto de “desencantamento de mundo” produzido pelas novas tecnologias presentes nas mais diferentes áreas, do direito e medicina ao entretenimento ou ativismo político, ou ainda que veem no compartilhamento das opiniões via internet a vitória do comunitarismo, o coletivismo aportado pelas redes sociais. Em ambas as perspectivas, reconhece-se o propósito transcendente de buscar uma explicação para os fenômenos sociais a partir da vontade, ora dos indivíduos, ora dos grupos, ora do mercado ou da ciência.

Maffesoli chama nossa atenção à efervescência presente no estar junto num momento que marca as pessoas, os lugares, os desejos, interesses, e a socialidade. Na tentativa de nos explicar sobre essa condição erótica, o autor articula os conceitos de cultura e civilização. A cultura é da ordem do momento criativo, e a civilização é da ordem do projeto, da convenção, e da força do hábito. Os humores criativos do estar junto são escondidos quando nasce uma civilização. O ajuntamento é próprio do DNA humano, mas ao longo do período moderno, descartamos esse movimento e essa ambiência, em prol da organização e desenvolvimento, ou seja, o estar junto deveria ter uma utilidade previamente projetada.

Ao pensar as formas de agregação presentes na pós-modernidade, o autor identifica que o espaço significa “tempo concentrado”, ou seja, no espaço sempre há traços de socialidade para além dos padrões. “Daí a importância do gênio do lugar; este sentimento coletivo que conforma um espaço, o qual retroage sobre o sentimento em questão” (MAFFESOLI, 2002, p. 179 apud FARIA, 2008, p. 59).

Assim, a meu ver, o estar-junto é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e solidez específicas. Em seguida, essa espontaneidade pode se artificializar, quer dizer, se civilizar e produzir obras (políticas, econômicas, artísticas) notáveis. (MAFFESOLI, 2002, p. 115 apud FARIA, 2008, p. 59)

Pensar o estar junto não significa resgatar os valores comunitários de maneira romântica. Afinal, o conceito de comunidade foi um articulador importante, fundador, dos limites da ação, do olhar, das ciências do social, que partiram do ideal de civilidade

para estabelecer as diferenças organizacionais da forma comunitária e da forma social. A ideia sugerida pela interpretação da erótica social é ultrapassar os modelos organizadores a partir da razão abstrata própria dos valores modernos. Principalmente a partir de 2004, como citado anteriormente, vivemos uma revolução topológica das relações sociais, via internet, e as tecnologias aparecem como espaço-rede e então essa dinâmica complexa da rede, de muitas direções e possibilidades passa a integrar nosso imaginário no que diz respeito ao entendimento das possibilidades de atuação social. Com isso, o autor identifica que as tecnologias atuais, com seu fluxo horizontal, trazem para o espaço público, como nunca antes, os ânimos sociais, como se essa nova ecologia comunicativa fosse propulsora dos afetos. Na contramão do que se convencionou pensar sobre as redes sociais como agentes da despersonalização. Maffesoli percebe o potencial do escoamento dos afetos que a tecnologia de comunicação digital trouxe ao campo do cotidiano, uma possibilidade de sentir os ânimos.

Ecologias comunicativas e net-ativismo

A mídia foi reconhecida como agente social desde seu incremento, a partir da segunda metade do século XX, seja a partir da perspectiva da Escola Crítica, dos Estudos Culturais ou pela Teoria dos meios. Tal situação social midiático-tecnológica ganha novos contornos a partir da emergência das tecnologias digitais de comunicação, que dão suporte a um novo ambiente de conexões sociais em espaços e tempos fluídos.

A cada mídia ou a cada inovação, temos um ganho de escala e portanto, de velocidade e de amplitude, que altera o tecido social e conseqüentemente a percepção humana. Diferentemente da época da comunicação em massa (emissor-receptor), no ciberespaço a relação com a tecnologia se dá num processo interativo dialógico constante. Tal incremento da comunicabilidade demonstra a grande diferença do fluxo unidirecional presente nos meios de comunicação de massa analógicos e o fluxo multidirecional das tecnologias digitais (todos-todos). Além de fatores relativos ao espaço físico e ao sujeito, outros elementos inorgânicos interferem no processo de agregação social no ciberespaço, problematizando a especificidade das relações, agora não somente ligadas à determinação face-a-face e em modelo territorial.

A cada interação com diferentes materialidades, novas lógicas de funcionamento, novos espaços informacionais são constituídos mudando as possibilidades de ação dos interagentes. A participação política e social é marcada por um “hibridismo” dos

interagentes, advindo da arquitetura comunicativa das diferentes agregações das redes digitais de comunicação.

Os efeitos da sociedade da comunicação têm sido vistos a partir de uma perspectiva vertical que busca entender a imposição, o conflito e a intenção dos emissores. Di Felice questiona tal perspectiva, e nos faz pensar se a forma de compreender a relação com os meios deve ser apenas pelo deciframento da mensagem e seus emissores? A relação com os elementos técnicos vão além dos projetos antecipatórios, esta conta com a efervescência do ambiente, desta vez constituído por muitos players, entre eles, dados, pessoas, culturas, mercado, etc. A esses questionamentos acrescentamos as visões levantadas também por Di Felice (2017) sobre a concepção do atual ativismo político, ou como chamou o autor, o “net-ativismo”, que denota uma ação social não institucionalizada, sistêmica, hierarquicamente distribuída, e portanto, distinta da ação política descrita pelas ciências sociais em suas tradicionais manifestações.

Diante da realidade da internet vemos que grande parte das relações sociais formam um ecossistema informativo (DI FELICE, 2009) que transforma nossa condição habitativa, e nossa percepção sobre ela, não mais pautada nas decisões do sujeito racional, nem na empatia do interacionismo descritos pela sociologia. A experiência cotidiana amplia a compreensão do fenômeno social atual e indica qualidades da socialidade própria de uma sociedade em constante conexão, que “age” por meio da interação de diferentes inteligências, em topologias fluídas, extrapolando os limites da tradicional arquitetura do social. O net-ativismo conceituado por Di Felice (2017) coloca-se como “ato” resultante da conexão. Intermitente, sensível, ecológico, seu potencial está na instantaneidade, na força afetiva que desperta no momento do encontro, da vivência capaz de imprimir uma mudança interna nos elementos que participam dela. Do ponto de vista do “ato conectivo” não há persuasão, discurso, moralismo ou intensão sedutora própria do cenário político moderno, há interação, confluência, atitude o que seria uma nova maneira de olhar a ação social.

De acordo com Di Felice cada época está associada a um ambiente de tecnologia comunicativa que cria um ecossistema e então o autor nos apresenta a mudanças no entendimento do que seria o ativismo, o ciberativismo e, então, o net-ativismo.

O ativismo faz parte da realidade da sociedade eletrônica (dos meios de comunicação de massa) na qual estavam disponíveis as tecnologias da disseminação (um projeto, um representante líder e a disseminação da síntese de um programa). O

ciberativismo está ligado ao movimento cyberpunk, caracterizado pela diversidade de formas de atuação principalmente estética e ficcional (que esboçavam narrativas sobre uma sociedade distópica). Nos EUA, no início dos anos de 1990, a realidade da internet impulsionava movimentos ativistas com formas muito diferentes da “simples” expansão do debate via internet. Hakin Bey, em seu ciberativismo “pirata”, empenhou-se em divulgar textos críticos e poéticos que, segundo seu entendimento, criavam “zonas autônomas temporárias”, as nomeadas TAZ, zonas de estranhamento conceitual e perceptivo que visavam despertar uma auto consciência política (não aquela da lógica de um poder que substitui outro e justifica seus meios).

O ciberativismo e o netativismo - sem o hífen - (Schwartz *apud* Di Felice, 2017, p. 151) foram conceitos desenvolvidos para designar um tipo de interação e troca comunicativa que acontecia apenas no âmbito do ciberespaço. A partir da condição de compartilhamento de conteúdo próprios das plataformas *wikis* (conteúdos editáveis por qualquer internauta), da convergência dos meios e da mobilidade (celulares conectados à redes de wi-fi), Di Felice percebe que o ativismo não acontece apenas pela rede digital de contatos, mas que este, acontece numa ecologia ainda mais complexa, como mostrou o movimento Neozapatista, em Chiapas (México), em 1994. Ali, o conflito não foi vivido separadamente, nas esferas físicas e no ciberespaço; o conflito aconteceu em diversas territorialidades: os comunicados do sub-comandante Marcos (assinatura coletiva que representava a causa dos índios) eram divulgados na rede, para quem quisesse ver, o que acabou por envolver pessoas de outros lugares do mundo. Dessa maneira, as experiências, e formas múltiplas do conflito localizado, passaram a estar conectadas. Pessoas do mundo todo iam até Chiapas para serem cordões humanitários. Daí surge a nomenclatura “net-ativismo”, um tipo qualitativo de ação social diferente, que se mistura ao ecossistema informativo e não apenas faz uso de uma rede. A forma do net-ativismo é uma forma “formante”, uma forma-rede.

A partir dessa análise somadas as investigações da pesquisa internacional sobre as diferentes manifestações do net-ativismo (2017), o autor nos apresenta 4 tipos qualitativos desta ação social, mostrando detalhadamente a passagem deste conceito para o de “ato conectivo”. As qualidades dos atos net-ativistas se apresentam como frontal (como assinar uma petição online), imersivo (que demanda mais tempo de envolvimento e de articulação com espaços, dados, pessoas, etc), dialógico (aquele que acontece em múltiplos territórios, como as Jornadas de julho, ocorridas em 2104 -SP, onde as pessoas estavam nas ruas e conectadas ao mesmo tempo, fazendo com que uma

ação implicasse a outra), e por fim, o ecológico (que associa natureza, tecnologia, pessoas, informações, e big data na ação social - chamado agora de “ato conectivo”).

Formas criativas do estar junto através do net-ativismo

A partir do trabalho dos sociólogos Maffesoli e Di Felice, vimos o esforço de apresentar um grupo de argumentos que levem em consideração a realidade em sua caoticidade e que por isso despertam o racional-sensível como característica da vida cotidiana, na contemporaneidade.

Ao considerar a criatividade como um fenômeno sistêmico, resultado da interação entre indivíduo e ambiente, Csikszentmihalyi (SAKAMOTO, 2000 *apud* MARASSI, PIMHEIRO, 2019) contribui, por sua vez, para uma interpretação holística das formas de agregação entre espaço, homem, e tecnologia, presentes na realidade cotidiana. Para além das práticas suportadas pelas plataformas do Facebook, Twitter, Instagram, e Youtube, trazemos iniciativas independentes que criaram formas de “estar juntos” (oceanos, florestas, animais, pessoas e informações) integrando-se com todo o ambiente complexo das interações via internet.

Alunos do terceiro semestre dos cursos de Bacharelado em Comunicação Social da Fapcom, no contexto da Disciplina de “Teorias da Comunicação III - Cibercultura”, no primeiro semestre de 2019, desenvolveram trabalhos de observação e análise a respeito dos diferentes tipos de net-ativismo (DI FELICE, 2017), levantando 27 iniciativas focadas em questões ambientais, de sustentabilidade e de direitos humanos. Os dados foram analisados segundo a tipologia do net-ativismo, sugeridas por Di Felice (2017) como: frontal, imersivo, dialógico e ecológico.

Três dentre as iniciativas levantadas foram selecionadas com a intenção de refletir sobre novos entendimentos desse estar junto, entre pessoas e tecnologias e todo o ambiente gerado a partir desse encontro. Os exemplos retratados aqui identificam-se ora como coletivos, ora como movimentos ou organizações não governamentais.

Criada em 2011 por Felipe Hlibeo e Ruy Fortini (sua comunicação não menciona “criadores”, mas apenas o objetivo da plataforma), a “Doare” apresenta-se como plataforma que hospeda campanhas para captação de recursos para Ongs que não sabem como reverter suas ações em recursos. No que tange à sua estrutura tecnológica, sua proposta depende de outra plataforma de tecnologia que cria sites de internet sem código (Tilda.cc/pt), além de sistemas de segurança para a realização da transação

financeira. A plataforma expandiu suas atividades e oferece diferentes serviços, capitalizando o próprio site e incrementando a atuação de diferentes Ongs.

Criada em 2012 (por estudantes em forma de coletivo), a plataforma “Atados” tem o objetivo de conectar pessoas que querem fazer trabalho voluntário para Ongs que precisam de mão-de-obra. A plataforma oferece cadastro para ambas as partes e se faz conhecida através de outras redes sociais.

Já o “Pimp my carroça”, um projeto criado em 2012 pelo ativista e grafiteiro Thiago Leite, tinha o intuito de prestar serviços artísticos (entre outros) para os carroceiros, unindo atividades “marginais”, para transformá-los em agentes ambientais. O projeto concretizou um evento a partir da plataforma de *crowdfunding* Catarse que uniu mais de 500 carroceiros cadastrados. Dessa atividade com repercussão mundial, derivou-se o aplicativo “Cataki”, que tem o objetivo de conectar pessoas que precisam se desfazer de lixo reciclável e os catadores mais próximos da região desta pessoa.

Cada uma dessas iniciativas mostra formas de agregação, de estar junto, e de estar em sociedade, que nasceram da horizontalidade das relações entre elementos humanos, e não-humanos, sejam estes lugares, redes wi-fi, ou dados. Esses exemplos caracterizam o net-ativismo do tipo ecológico, como observado por Di Felice, pois sinalizam uma “explícita expansão das interações aos elementos não humanos” (2017). As plataformas e suas tecnologias em conexão com outros dados não são meros instrumentos de persuasão, mas são parte integrante do processo de agregação social.

Em suas especificidades, cada plataforma/coletivo cria arranjos políticos, comerciais, humanos, e afetivos. Tal situação mostra um social não mais limitado às arquiteturas e geografias, nem uma política limitada à institucionalidade de um partido, seu programa, e seu líder, nem à uma comunicação verticalizada e disseminadora. Os interesses, os projetos e os processos alteram-se a cada novo nó conectivo.

Considerações finais

é unicamente se se souber ouvir o inaudível, ver o invisível ou sentir o evanescente, que se ultrapassarão esses pensamentos curtos que diagnosticam a depressão social, a deserção cívica e outro ‘desencantamento de mundo’, especialidades de um *intelligentsia* desconectada da intensa banalidade do cotidiano. Pois, se, de uma maneira inconsciente, o querer-viver coletivo não se reconhece mais nas formas modernas próprias ao ‘Contrato Social’, isso não significa que não haja mais nada. A energia própria da sociabilidade se investe nesses lugares, reais ou simbólicos, onde as tribos pós-modernas dividem os *gostos* (musicais, culturais, sexuais, esportivos, religiosos...) que servem de cimento (*ethos*) ao fato de estar-juntos. Digo e repito: *o lugar cria a ligação*. (MAFFESOLI, 2014, p. 4-5)

Neste artigo propusemos expandir reflexões sobre o estar junto, na erótica social desenvolvida por Maffesoli, incluindo exemplos de iniciativas sociais analisadas do ponto de vista da transformação do entendimento sobre a ação social, empreendidas por Di Felice através da ideia de net-ativismo. Entendemos que o estar junto e que a energia agregadora de um “social”, resulta das conexões comunicativas entre humanos e não-humanos, antes considerados penas instrumentos e não sujeitos do processo social. Vista por vértices de grande parte das teorias sociais e da comunicação, a tecnologia estava sempre a serviço de uma má intenção, a saber: a manipulação das opiniões para levar o homem ao consumo. Como desenvolvido por Di Felice, a perspectiva da ecologia da comunicação, marca o desenvolvimento de uma situação social ‘técnica-comunicativa-transorgânica’ (Di Felice, 2017), o que altera todo o aparato de percepção humana, criando - desde sempre - socialidades híbridas. Os afetos e interesses se misturam ao espaço-informação. Reflexo disso é a atenção que Maffesoli dá à enorme demonstração de radicalismos que vemos também nas relações, via internet.

A reflexão que deixamos aqui se coloca na tentativa de olhar a relação com a tecnologia de uma maneira ampla, levando em consideração diferentes lados do presente, não visto apenas a partir do “princípio da realidade”, moderno e abstrato.

Referências Bibliográficas

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar.** São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **Net-ativismo. Da ação social para o ato conectivo.** São Paulo: Paulus, 2017.

FARIA, M. SCHNEIDER. **As interfaces virtuais do social – imersão e extensão em ambientes virtuais: *Second Life* e *BarCamp*.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, M. **No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Homo Eroticus. Comunhões emocionais.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MARASSI, A. DE CASTRO BARROS; PINHEIRO, W. MOREIRA. **Diálogos entre a comunicação, filosofia e tecnologia. Reflexões sobre tecnologia, religião e sociedade nas práticas comunicacionais contemporâneas.** São Paulo: Paulus, 2019.

MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresunidascontrabolsonaro/>. Acessado em: 18/08/2019.

ONG ATADOS. Disponível em: <https://www.atados.com.br/>. Acessado em: 18/08/2019.

ONG DOARE. Disponível em: <http://doare.org/>. Acessado em: 18/08/2019.

PIMPMYCARROÇA. Disponível em: <http://pimpmycarroca.com/>. Acessado em: 18/08/2019.

REDE ÍNDIOS ONLINE. Disponível em: <https://www.indiosonline.net/>. Acessado em: 23/08/2019.